

Resenha

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

Luciandro Tássio Ribeiro de Souza¹

DOI: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2021.v13i1.15879>

Em considerações iniciais, enfatizamos, que essa resenha foi desenvolvida a partir dos estudos do livro “Os Parceiros do Rio Bonito” de Antonio Candido de Mello e Souza, na qual objetivamos analisar as relações entre a literatura e a sociedade, a fim de verificar até que ponto ela se enquadra nas situações socioculturais mínimas perante as atuais condições de vida do caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.

Neste sentido, de forma geral, ponderamos que a obra inicia-se pelo estudo dos elementos diretamente ligados à manutenção da vida, mormente a exploração dos recursos naturais para a elaboração da dieta. Em seguida, direciona-se para os estudos das formas de vida social que permitem aos agrupamentos rústicos a sobrevivência enquanto grupos, que num e noutro caso, sugeriu o teor geral da vida do velho paulista rural das classes inferiores, para chegar a possíveis considerações “ao entendimento do caipira em seus tipos humanos, da agricultura de subsistência por ele praticada, da sua intensa mobilidade e de outros tantos aspectos, que atribuem ao caipira ser este um dos pilares da identidade cultural do Estado de São Paulo.” CASTILHO (2007, p.74).

De acordo com Antonio Candido (1964), esta obra não se trata de descrever e interpretar todos os aspectos da vida social e cultural do caipira do passado, mas tão somente os que referem de maneira direta ao tema deste estudo. Para tanto, em conformidade com o autor, a sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora hoje precário), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistêmica e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência.

Vale salientar que, este estudo nasceu de uma pesquisa sobre a poesia popular, manifestada no Cururu – dança cantada do caipira paulista – cuja base é um desafio sobre os mais variados temas, em versos obrigados a uma rima constante (carreira), que muda após cada rodada, que direcionaram os olhos do autor para o município de Bofete (interior do estado de São Paulo), entre os anos de 1948 e 1954, visando, em linhas gerais, conhecer os meios de vida num agrupamento de caipiras: quais são, como se obtêm, de que maneira se ligam à vida social, como refletem as formas de organização e as de ajuste ao meio, para compreender os demais aspectos da cultura caipira, adotar um ponto de partida situado no nível modesto mais decisivo da realidade econômica, com a finalidade de buscar, nos documentos e viajantes do século XVIII e início do século XIX, referências e indícios sobre a vida do homem da roça, bem como interrogar longamente, pelos anos afora, velhos caipiras de lugares isolados, a fim de alcançar por meio deles como era o “tempo dos antigos”.

O autor revela que a pesquisa, no seu decorrer, foi mostrando que as modalidades observadas em diversos lugares eram verdadeiros estratos superpostos, em grau variável de mistura, mas podendo ser reduzidos a alguns padrões, que correspondiam a momentos diferentes da sociedade caipira no tempo. As modalidades antigas, que se caracterizavam pela estrutura mais simples, a rusticidade dos recursos estéticos, o cunho coletivo da invenção, a obediência a certas normas religiosas. As atuais, de acordo com autor, manifestavam individualismo e secularização crescente, desaparecendo inclusive o elemento coreográfico

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de vida da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGSAQ/UFOPA). Atualmente é membro do grupo de pesquisa NEPECGIM - Núcleo de Ensino e Pesquisa sobre Espaço e Currículo de Geografia e Imagem e Multiculturalismo (desde 2020) e do Grupo de pesquisa PRÁXIS UFOPA (desde 2022) que integra o Projeto “Desafios da uma Bioeconomia Ecológica e Circular na Resex Tapajós-Arapiuns: um estudo de caso na vila de Anã integrado”, com financiamento integrado ao Projeto em Rede internacional “Transforming Universities for a Changing Climate” Climate-U, da University College London da Inglaterra. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8151-5545>. E-mail: tassyandrosouza4193@gmail.com.

socializador, para ficar o desafio na pureza do confronto pessoal, que não era difícil perceber, que se tratava de uma manifestação espiritual ligada estreitamente às mudanças da sociedade, e que uma podia ser tomada como ponto de vista para estudar outra. Levando a alargar pouco a pouco o conhecimento da realidade social em que se inscrevia o Cururu, até suscitar um trabalho especial.

Por outro lado, a pesquisa foi aguçando no pesquisador o senso dos problemas que afligem o caipira nesta fase de transição. Querendo conhecer os aspectos básicos, Antonio Candido, procurou compreender os problemas econômicos e tomou como ponto de apoio o problema elementar da subsistência. Sendo que o ponto de partida para compreender essa situação levou em conta a busca na própria natureza do povoamento paulista, condicionado pela atividade nômade e predatória das bandeiras, que através do bandeirismo compreendia de um lado, um vasto processo de invasão ecológica, e, de outro, como determinado tipo de sociabilidade, com suas formas próprias de ocupação do solo e determinação de relações intergrupais e intragrúpis, que através da linha geral proporcionou conhecer os tipos de ajustamento do grupo ao meio, com a fusão entre a herança portuguesa, a herança negra e a herança dos povos indígenas, cuja combinação dos traços culturais obedeceu ao ritmo nômade dos bandeirantes e do povoador, conservando as características de uma economia largamente permeada pelas práticas de presa e coleta, na qual a estrutura instável dependia da mobilidade dos indivíduos e dos grupos. Em tudo isso, vemos manifestar-se condições de vida determinadas por uma economia fechada, fator de preservação duma sociabilidade estável e pouco dinâmica, com base no trabalho isolado ou na cooperação ocasional, exprimindo uma forma retrógrada de ajustamento ao meio para estabelecer o equilíbrio ecológico: recurso para ajustar as necessidades de sobrevivência à falta de técnicas capazes de proporcionar rendimento maior da terra.

Em consequência, resultava larga margem de lazer que, vista de certo ângulo, funcionava como fator positivo de equilíbrio biossocial, que proporcionava oportunidade para caça, coleta, pesca, indústria doméstica no setor da cultura material, bem como na cooperação de festas, celebrações, que mobilizavam as relações sociais. O lazer era integrante da cultura caipira, condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, ou seja, ser condenado ou desculpado, segundo é costume.

Cabe salientar que a cultura caipira foi apresentada em função dos níveis mínimos, mas organicamente entrosados, de subsistência e vida social, exprimindo um tipo de economia semifechada. Esta foi caracterizada pela estrutura dos agrupamentos de vizinhança e o equilíbrio instável com o meio, obtido por técnica rudimentar, que pode ser considerada de mudança em relação à anterior, podendo-se dizer que o agrupamento descrito revela passagem duma economia capitalista autossuficiente para o âmbito da economia capitalista, manifestando sintomas de crise social e cultural, atentando-se para duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração. Os primeiros constituem aquela parte do equipamento cultural e das formas sociais que, oriundas de período anterior, perduram no presente, estabelecendo continuidade entre as sucessivas etapas dum processo total de transformação. Já os segundos são formações novas, geradas no seio do grupo, ou nele incorporadas por difusão, para reajuste do seu funcionamento, que permitem considerar a situação presente do grupo como sendo de crise nos meios de subsistência, nas formas de organização e nas concepções do mundo, em face das pressões exercidas pelo meio social circundante, sob o influxo da urbanização – Crise - que condiciona a alteração dos padrões tradicionais, o seu desaparecimento ou a sua persistência, uma vez que a permanência ou a insistência, não deve ser considerada apenas fenômeno de demora, mas também recurso de ajuste à nova situação, que pode rejeitar as normas e práticas anteriores, ou incorporá-las, depois de redefini-las.

Vemos assim, que as novas necessidades têm grande importância na configuração da mudança de cultura, pois essa se apresenta, sob certos aspectos, como restrição, ampliação ou redefinição de necessidades, na qual todas as vezes que surge, por difusão da cultura urbana, a possibilidade de adotar os seus traços, o caipira tende a aceitá-los, como elemento de prestígio. Este agora, não é mais definido em função da estrutura fechada do grupo de vizinhança, mas da estrutura geral da sociedade, que leva à superação da vida comunitária inicial.

Como se bem observa, há interpretação de planos, em que o passado e o presente, o mágico e o racional se combinam normalmente, sancionando em conjunto, por assim dizer, a validade do ato. Ao contrário do que ocorre na cultura material, a substituição não se dá tão claramente.

Mesmo no terreno material, porém, a mudança se opera em função das alterações no plano econômico, e como estas não romperam ainda de todo muitos elementos da vida tradicional, nele também vemos a alternativa de permanência e transformação, que condiz muitas vezes ao abandono completo dos gêneros tradicionais de vida, levando o caipira ao trabalho em zonas de agricultura moderna, onde se incorpora aos novos padrões, quer, sobretudo, incorporando-o ao proletariado urbano, que mostram o sentido em que se dá a mudança na condição econômica: sempre da propriedade para a parceira, e quase nunca o contrário, mostram ainda, como na atual conjuntura há paridade de posição social entre parceiros e pequenos sítiantes herdeiros da mesma tradição de cultura, igualmente atingidos pela crise de incorporação à economia moderna, nivelados na luta pela subsistência imediata.

Entretanto, é necessário salientar que esta paridade não é absoluta, se passarmos das relações de uns e outros para a análise mais pormenorizadas dos traços de mudança social e cultural. Aí, veremos que há no sítiante maior capacidade, não apenas de preservação da cultura, como de ajustamento mais harmonioso à situação de crise das formas desinteressadas pelas que envolvem retribuição computada rigorosamente fazendo com que as instituições tradicionais do terno e do mutirão cedam lugar às diversas modalidades de troca de serviço individual ou coletivo, que refugam em mentalidades mais econômica, que continuam vigorando para os conservadores ou os que lhe estão quase naturalmente sujeitos pelos vínculos de parentesco centrada na relativa explosão da sociabilidade dos velhos grupos vicinais, dando lugar a relações constantes com outros bairros, com a vila, não raro com as cidades, e, portanto, a formas novas e mais amplas de interação e experiência social.

A esse respeito cabe considerar, que o caso do mutirão, por exemplo, no qual a disposição de ajudar desinteressadamente coincide, não raro, com o laço de parentesco, bem como acrescentar o parentesco convencional do compadrio, que, embora não tenha a mesma força de antigamente, ainda pode dar lugar a relações de vizinhança equiparáveis, em alguns casos, às de um “bloco familiar”, que promovem a interdependência das famílias, e, portanto, contribuem para integrá-las no grupo de assistência mútua no trabalho e suas modalidades que exprimem a oferta de alimentos nos diversos aspectos econômico-sociais organizados em torno da obtenção dos recursos de sobrevivência, que se baseia na reciprocidade, fazendo com que esta apareça mais ou menos regularmente na alimentação, graças à retribuição eventual a um bem de consumo cuja importância é de tal ordem que não pode restringir-se à família, requerendo participação na formação e desenvolvimento dos laços de solidariedade, que são ao mesmo tempo fatores de preservação grupal, na medida em que permitem aos grupos rurais de vizinhança resistirem, enquanto estrutura, ao impacto da mudança causada pela urbanização permitindo tender àquele ritmo satisfatório em que ela encontra melhores condições para se processar, podendo ser considerados verdadeiros mecanismos de sobrevivência social e cultural.

Graças a tais conexões, compreende-se que o caipira consiga frequentemente, no espaço de alguns anos, se não assimilar-se, ao menos acomodar-se satisfatoriamente nos padrões propostos pela civilização urbana, que aqui podemos indicar que o processo de urbanização-civilizador, apresenta ao homem rústico propondo ou impondo certos traços de cultura material e não material, novo ritmo de trabalho, novas relações ecológicas, certos bens manufaturados, a racionalização do orçamento, o abandono das crenças tradicionais, a individualização do trabalho, a passagem à vida urbana, que levaram a concepção de três reações adaptativas em face de tal processo: aceitação dos traços impostos e propostos, aceitação apenas dos traços impostos e rejeição de ambos.

É claro que a formulação supõe três ideais de caipira, movendo-se num espaço sociocultural homogêneo, e optando livre e conscientemente. A realidade é diversa, e se podemos reter ou três tipos básicos, é forçoso acentuar que a sua conduta não é livre e depende duma série de fatores. Assim, embora o caipira seja arrastado cada vez mais para o âmbito da economia capitalista, e para a esfera de influência das cidades, procuram ajustar-se ao que só poderia chamar de mínimo inevitável de civilização, procurando doutro lado preservar o máximo possível das formas tradicionais de equilíbrio, sem planejamento racional, que traz à tona o problema da reforma agrária, na qual o caipira é condenado à urbanização, e todo o esforço de uma política rural baseada cientificamente no sentido de urbanizá-lo, o que é diferente de trazê-lo para a cidade.

Para tanto, o passado da sociedade caipira permite definir tipos humanos mais ou menos plenos, dentro dos seus padrões e das suas possibilidades de vida econômica, social, religiosa, artística. No entanto, como

hoje o homem rústico se incorpora cada vez mais à esfera das cidades, à medida que isto se dá aqueles usos, práticas, costumes se tornam, em boa parte, sobrevivências, a que os grupos se apegam como defesa. Daí ser preciso facultar-lhe a opção entre eles e os que, dentro das condições atuais, consideramos compatíveis com a realização da personalidade, ainda que em níveis modestos.

Em momentos como o nosso, quando vemos as possibilidades de ação sobre a Natureza e a Sociedade aumentarem em número e eficiência, podemos realmente analisar, que o caipira é um dos tipos humanos existentes no meio rural brasileiro, conforme a região na qual se situa no país, que faz com que o tipo tenha uma designação rural diferente, entretanto, há tendência para chamar qualquer pessoa de cultura rústica, qualquer pessoa do interior de caipira, para tanto já no sentido meio depreciativo e pitoresco, dizer que a pessoa não possui hábitos civilizados, não é nesse sentido adequado usar no contexto como o nosso, uma vez que o caipira é um morador do campo, da zona rural, que vive numa sociedade relativamente homogênea, com valores tradicionais marcados, que são frutos da evolução histórica do grupo social radicado no estado de São Paulo, não necessariamente no estado, todavia pode-se chamar área caipira grande parte do estado de Minas Gerais, grande parte do estado de Goiás, grande parte do Mato Grosso, grande parte do Paraná, assim como, de certa maneira os estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, que proporcionaram conhecer o passado pela tradição e pela análise de pequenos agrupamentos desenvolvida pela meditação e o contato com a realidade viva dos grupos, que permitiram poder esboçar critérios estatísticos ou acumulativos, onde não se poderia sequer esboçar.

Cabe aqui afirmar que, o caipira é fruto de uma sedimentação racial, de uma sedimentação histórica e de uma sedimentação cultural, que lhe dá características próprias, inclusive na maneira de falar, de se comportar, de trabalhar, de se relacionar. Se nós tomarmos um padrão um pouco abstrato, não que corresponda exatamente a realidade, mas é um modelo que se é para medir a realidade, o caipira teoricamente, do ponto de vista racial provém da mistura de branco com índio. A mistura de branco com índio que deu mameluco, porém o mais importante não é isso, mais sim as características culturais deste tipo humano mestiçado. Esse tipo culturalmente é um tipo caracterizado por um traço muito interessante que é a fusão da cultura portuguesa com as culturas indígenas locais.

Vale salientar que o caipira é muito mais português do que se pensa, pois houvera um tempo, quando o ativismo brasileiro, que acentuava muito os componentes indígenas, por exemplo, o famoso “erre” automático, que é típico da área caipira, como por exemplo: arto, artura, armoço, argudão, arfére, entre outras. Esse “erre” automático sempre se achou que era influência dos indígenas, pois possuem esses “erres”. Os indígenas não falam “ele”, porém acontece que se fala em muitas regiões do aprisco português; então, é muito difícil diferenciar o que é português e do que é indígena. Além da língua dada, como exemplo, pode-se citar os costumes, como, o jogo do pau (cajado), que é um jogo de origem portuguesa, na qual consistia na luta de cada um com o cajado na mão, uma coisa puramente portuguesa, e que se parecia um pouco com o uso do tacape e dos bastões de combate dos indígenas. Neste sentido, nota-se que é muito difícil dizer o que vem do português e o que vem dos indígenas, e que na cultura caipira os elementos dos dois lados se fundiram. Todavia, segundo Antonio Candido, em São Paulo, se falava não a língua portuguesa propriamente, falava-se uma língua geral, ou seja, o tupí-guarani adaptado pelos jesuítas. Um fato interessante disso tudo é que senão fossem as pressões do governo português para uniformizá-la, hoje seríamos bilíngues.

A esse respeito cabe considerar que a cultura caipira, para poder manter as suas características tradicionais, manteve-se isolada, pois a área que o paulista controlava era uma área extremamente grande, que foi percorrida por grande parte das regiões e que se fixou em uma parte do Brasil. Além disso, o paulista era nômade, ou seja, o nomadismo e o isolamento, acabaram por ser os dois elementos próprios favoráveis ao caipira, uma vez que o mundo bandeirante era uma grande empresa econômica interessada em terras férteis, especiarias, minerais, que acabavam por aprisionar índios, sendo essa a atividade principal para vendê-los como trabalhadores: primeiro, para os engenhos do nordeste brasileiro; segundo, onde houvesse necessidade de mão de obra.

No entanto, essa prática de comércio gerou nos bandeirantes uma sede de territorialidade imensa, que acabou por mudar ao longo dos tempos, pois quando esses bandeirantes se sedentarizaram, ou seja, quando se perdeu a iniciativa maior, quando deixou de ter contato com o mercado, não forneceu mais mão de obra para suprir as necessidades da época, esses bandeirantes se tornaram caipiras, ocasionando com que uma parte se

tornassem fazendeiros, exportadores, gente que foi ganhar dinheiro em setores localizados nas cidades, como São Paulo, Sorocaba, Parnaíba, Itú, Taubaté, entre outras, assim como o homem rural propriamente, que ficou perdido naquela imensidão de território, fazendo com que este deixasse de ser um protagonista da economia de mercado, e se transformasse em um produtor para si mesmo, para os seus interesses, se tornando bandeirantes obsoletos, que se sedentarizaram em parte, sendo móveis, pois se separam da economia do mercado em termos, entretanto, levam a sua produção de subsistência para vender nas feiras das vilas frequentemente.

É importante ressaltar que além da cultura caipira, do índio e do português, o negro também entrou, na qual houve escravidão em São Paulo, no Vale do Paraíba, na zona de Campinas e o negro acabou por se acaipirar; então, essa fusão fez com que o mundo caipira se enriquecer pela cultura africana e haver uma espécie de indiferenciação entre a herança indígena, portuguesa e a africana, que juntos assimilaram e conservaram os elementos condicionados que obedeceu as características de uma economia largamente permeada pelas práticas de presa e coleta, cuja estrutura instável dependia da mobilidade dos indivíduos e dos grupos, na habitação, na dieta e no caráter do caipira.

Imaginemos desta forma, que aqueles territórios imensos, que existiam no passado, com faixas de terras cobertas de floresta, em primeiro momento estavam intactos, mas quando o caipira chegava, se apossavam da região, botava fogo, queimava, fazia a roça, fazia o rancho e ali passava alguns anos; porém com o passar dos anos, pegava as suas coisas e de forma repentina ia-se embora, fazendo as mesmas coisas a frente, em uma outra região, ou seja, o processo desencadeado pelo caipira tratava-se de uma cultura extremamente móvel e incessante, que provocava uma grande destruição ambiental, dando lugar a uma população móvel, que muito escassamente, gerou um tipo de assentamento no solo muito disperso.

Cabe afirmar, que a unidade básica da cultura caipira não é nem a vila, nem a casa, muito menos a família, mas sim o bairro, pois o bairro, como se sabe é aquela fração de território, que foi povoada de maneira muito espalhada, em que as pessoas não possuem contatos imediatos, mas que se sentem pertencentes de uma mesma comunidade. Ou seja, a pessoa pode passar cinco, seis ou até sete meses sem ver o seu vizinho mais próximo, entretanto, quando é realizado uma festa considerada vitalícia do bairro, como por exemplo, a festa de São João, essa é feita com uma certa quantia de vizinhos, e o caipira isolado dos centros urbanos, sem nenhum contato, periodicamente se encontra em função das necessidades comunitárias do seu bairro, como outro exemplo, podemos citar a construção de uma casa, na qual o caipira dono da casa não pode fazer sozinho; então, tem que fazer um mutirão, na qual para realizar o mutirão, serão chamados os vizinhos que pertencem ao mesmo bairro, que mobilizam em geral toda a população e revelam a sua unidade, levando também ao surgimento do fenômeno ecológico-social da complementaridade.

O cururu é um exemplo dessas atividades tipicamente caipira que preserva a harmonia do grupo, que segundo Antonio Candido ao realizar um estudo no município de Piracicaba, entre 1943 e 1945 enfatizou que é feito para pagar uma promessa, como por exemplo, a Santo Antônio, para ter uma boa colheita de milho, que após ter atingido tal graça, o caipira realiza a colheita do milho, fazendo então um cururu para o Santo Antonio, convidando os membros do bairro, que se reunindo na casa do caipira que fez a promessa, banqueteados com diversas iguarias do milho. Ou seja, o cururu é um fator de harmonia grupal, que quando o caipira passou a se sentir já nos tempos modernos, não mais um membro de um bairro só, mas sim um brasileiro, na qual a expansão capitalista, como fórmula de ajustamento do grupo ao meio em função da subsistência, com base no círculo fechado dos agrupamentos de vizinhança, cuja autonomia ecológica se tornou sobrevivência, uma vez que o caipira prezava pelo lazer, que fazia parte da cultura caipira, que acarretou na fama injusta do caipira ser vagabundo.

A título de relevância do assunto, o caipira tinha muito lazer e possuindo tais questões, este podia caçar e pescar, não por se divertir ou entreter, mas porque estas atividades faziam partes da dieta dele, uma dieta que se aproxima da dieta dos indígenas, da dieta do primitivo. Entretanto, a partir do momento, que este fica subordinado ao mercado capitalista, se ver cheio de necessidades para comprar bens de consumo para os quais não possui dinheiro; então, diante destas necessidades que surgiram, o tempo do caipira acaba. Ou seja, a margem de lazer acaba e o caipira não pode mais caçar, nem pescar.

Um fato interessante é que a dieta caipira antigamente era muito equilibrada, por causa do isolamento, e imerso a essa cultura isolada que foi construída uma cultura de subsistência de caça e pesca que lhe permitiu

sobreviver. No entanto, a partir do momento que a sua margem de lazer diminuiu, a dieta também empobreceu bastante.

Ao considerar tal situação, ressalta-se que o caipira é antes de mais nada um homem livre, um descendente dos indígenas, dos bandeirantes, um homem livre e o trabalho regular no Brasil no passado era uma barbaridade descomunal, era um trabalho extremamente escravocrata, com chibatas, correntes, castigos. Assim, o escravo, naquela época, não tinha outra alternativa, era trazido como um animal, comprado, tirado da terra dele, tinha que trabalhar aonde estava. Já o caipira, por outro lado, tinha as terras sertanejas em sua frente, podendo fugir, escapar, se recusar, era livre, não era escravo. Porém, quando o caipira se deslocava para a cidade grande, como São Paulo, por exemplo, este se marginalizava, se sucumbia a trabalhar como servente de pedreiro, trabalhando severamente na construção civil, trabalhando como porteiro, soldado e por questões de espaço, do próprio financeiro, até mesmo do social vai morar nas periferias.

Cabe observar neste contexto, que a cultura caipira, é uma cultura extinta, no entanto as suas sobrevivências estão dispersas em meio a sociedade, que por sinal é muito grande e evidencia traços culturalmente entre a cultura caipira e a cultura urbana. Com base nesta percepção, enfatiza-se que o caipira é um brasileiro que mora no mesmo país que todos os outros brasileiros, que saía do sítio e se deslocava para vender seus produtos em outra cidade, como por exemplo, Campinas, Botucatu e outras, que quando adentrava nas cidades se deparava com as modernidades daquela época; portanto, não existe separação severamente drástica entre a cultura urbana e a cultura rústica, entre o mundo do homem da cidade e o mundo do caipira, entre o mundo civilizado e o mundo ainda parado no tempo.

Com efeito, há, em linhas gerais, uma continuidade, uma sequência, na qual se tem extremo, por exemplo, as classes dominantes da cidade de São Paulo vivendo com muitos refinamentos, seguindo um padrão totalmente europeu, que exalta a sofisticação técnica. Já no outro extremo, se tem o caipira usando lenço na cabeça ao invés de chapéus de couro sofisticados, se tem um caipira que possui o hábito de andar descalço e dormir no chão. Ou seja, são dois extremos, na qual no meio de ambos existe uma vasta gama, que para qual se tem um homem da cidade meio acaipirado e o caipira meio urbanizado que, graças aos recursos modernos de comunicação, ao aumento da densidade demográfica e à generalização das necessidades complementares, acham-se frente a frente: homens do campo e da cidade, sitiantes e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários bruscamente reaproximados no espaço geográfico e social, participando de um universo que desvenda dolorosamente as discrepâncias econômicas e culturais.

Essa intercomunicação existente entre as culturas, vale salientar é constante, pois assim como há caipira em São Paulo que é um eco deformado e folclorizado da cultura caipira inicial, essa própria cultura não nasceu por si só, ela nasceu de intercâmbio com a cultura erudita. Ou seja, com a cultura portuguesa existente na maneira de falar, na qual se sabe que na cultura caipira, o próprio caipira fala mais puramente correto do que todos nós, pois a sua linguagem é igual a linguagem culta utilizada no século XVII e ao falarmos da cultura caipira é importante salientarmos que nós estamos dentro dos valores do mundo.

Por fim, enfatizamos, que o livro “Os parceiros de Rio Bonito” consubstancialmente discute, analisa e objetiva compreender os elementos de mudança do estilo de vida rural e resistência ao processo de urbanização das atuais condições de vida do caipira paulista começando pelo estudo dos elementos diretamente ligados à manutenção da vida, mormente direcionados para a exploração dos recursos naturais que compõe a dieta. Em seguida, direciona-se para os estudos das formas de vida social que permitem aos agrupamentos rústicos a sobrevivência enquanto grupos de vida do velho paulista rural das classes inferiores, para chegar as considerações sobre as características da sua cultura, encerrando deste modo uma radicalidade ética e evidenciando o aflorar de uma prática decorrente da convivência marcada pela cordialidade e polidez.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CASTILHO, Dinah E. G. **O cururu – uma manifestação folclórica caipira – e sua sobrevivência frente à globalização**. -- Rio Claro : [s.n.], 2008.